



Poemas

Quinhentismo

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Padre José de Anchieta.

Barroco

Todo

Gregório de Matos Guerra

O todo sem a parte não é todo; A parte sem o
todo não é parte; Mas se a parte o faz todo
sendo parte, Não se diga que é parte, sendo
todo.

Romantismo

SE EU MORRESSE AMANHÃ

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus
olhos minha triste irmã; Minha mãe de saudades
morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória
pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que
manhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu
morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce
n'alva Acorda a natureza mais louçã! Não me batera
tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas
essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o
dolorido afã... A dor no peito emudecera ao menos Se
eu morresse amanhã!

Álvares de Azevedo

Realismo

Autopsicografia

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Fernando Pessoa

Naturalismo

Pobre Amor

de Aluísio Azevedo

Calcula, minha amiga, que tortura! Amo-te muito e
muito, e, todavia, Preferira morrer a ver-te um dia
Merecer o labéu de esposa impura! Que te não
enterneça esta loucura, Que te não mova nunca esta
agonia, Que eu muito sofra porque és casta e pura,
Que, se o não foras, quanto eu sofreria! Ah! Quanto eu
sofreria se alegrasses Com teus beijos de amor, meus
lábios tristes, Com teus beijos de amor, as minhas
faces! Persiste na moral em que persistes. Ah!
Quanto eu sofreria se pecasses, Mas quanto sofro
mais porque resistes!

Parnasianismo

A VELHICE

Olavo Bilac

Olha estas velhas árvores, mais belas Do que as
árvores moças, mais amigas, Tanto mais belas quanto
mais antigas, Vencedoras da idade e das procelas... O
homem, a fera e o inseto, à sombra delas Vivem, livres
da fome e de fadigas: E em seus galhos abrigam-se as
cantigas E os amores das aves tagarelas. Não
choremos, amigo, a mocidade! Envelheçamos rindo.
Envelheçamos Como as árvores fortes envelhecem,
Na glória de alegria e da bondade, Agasalhando os
pássaros nos ramos, Dando sombra e consolo aos que
padecem!

Simbolismo

Alma solitária

Cruz e Sousa

Ó Alma doce e triste e palpitante! que cítaras
soluçam solitárias pelas Regiões longínquas,
visionárias do teu Sonho secreto e fascinante!
Quantas zonas de luz purificante, quantos silêncios,
quantas sombras várias de esferas imortais,
imaginárias, falam contigo, ó Alma cativante! que
chama acende os teus faróis noturnos e veste os teus
mistérios taciturnos dos esplendores do arco de
aliança? Por que és assim, melancolicamente, como
um arcanjo infante, adolescente, esquecido nos vales
da Esperança?!

Pré-Modernismo

Versos Íntimos

Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão - esta pantera - Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

Modernismo

Pronominais

Oswald de Andrade

Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do
aluno E do mulato sabido Mas o bom negro e o bom
branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa
disso camarada Me dá um cigarro.

Pós-Modernismo

A infância

Ariano Suassuna

Sem lei nem Rei, me vi arremessado bem menino a um Planalto pedregoso. Cambaleando, cego, ao Sol do Acaso, vi o mundo rugir. Tigre maldoso. O cantar do Sertão, Rifle apontado, vinha malhar seu Corpo furioso. Era o Canto demente, sufocado, rugido nos Caminhos sem repouso. E veio o Sonho: e foi despedaçado! E veio o Sangue: o marco iluminado, a luta extraviada e a minha grei! Tudo apontava o Sol! Fiquei embaixo, na Cadeia que estive e em que me acho, a Sonhar e a cantar, sem lei nem Rei!